

VASSALLO, Lígia. *O sertão medieval*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. 180p.

Se, como afirma Reinhart Koselleck, no último capítulo de seu excelente *Vergangene Zukunft* (1979), “não há história que possa ser constituída independentemente de experiências e expectativas de agentes humanos ativos” (p. 269 da tradução americana *Futures Past*, 1985), considerar as duas categorias por ele sistematizadas – *espaço de experiência* e *horizonte de expectativas* – é, sem dúvida, uma forma de escrever história.

É certamente por isto que *O sertão medieval*, de Lígia Vassallo, bem poderia ser chamado de uma história sintética do teatro ocidental (e talvez até mesmo da cultura popular), em suas vertentes cômica e farsesca, embora a Autora não trabalhe com as categorias propostas por Koselleck e não tenha a intenção de fazer uma história da literatura. Não se pode dizer, porém, que essa espécie de definição dê conta deste livro.

Trata-se, na verdade, como já se anuncia desde o subtítulo, de um estudo das *origens européias do teatro de Ariano Suassuna*, proposta cujas linhas vão ser traçadas no capítulo introdutório (“Suassuna e a cronologia estilhaçada”) e que Lígia Vassallo vai desenvolver de forma cuidadosa e coerente. Para usar as próprias palavras da Autora, o objeto deste livro é a análise da “presença medieval não só em práticas culturais do Nordeste como nas fontes temáticas, nos modelos formais de gênero literário, nas matrizes textuais e no próprio tipo de dramaturgia que [esse] autor emprega” (p. 17). Mas é precisamente porque toca de perto esta questão dos gêneros (cf. capítulo 4, esp. parte 2) e pelo recorte escolhido para a abordagem do tema que a remissão àquelas referidas categorias me pareceu inevitável.

Para empreender a análise a que se propõe, Lígia Vassallo vai recorrer a vários *clássicos* dos estudos de literatura (como E. Auerbach, H. Friedrich, M. Bakhtin, entre outros). No entanto, é basicamente através do conceito de *intertextualidade* que os elementos levantados e analisados se vão articulando para constituir *O sertão medieval*, esse “espaço” onde a “cronologia” da periodicidade acaba se “estilhaçando” pelo jogo das relações estabelecidas entre uma tríade composta por modalidades do teatro greco-romano – particularmente em sua reapropriação medieval –, por tradições da cultura popular nordestina e pela produção do dramaturgo pernambucano.

A questão da intertextualidade vai ser tratada de forma específica nos capítulos de número 4 e 6, intitulados, respectivamente, “Espaços intertextuais” e “Medievalidade e intertextualidade” – este, servindo de conclusão ao trabalho –, o que já revela a centralidade do conceito para o estudo efetuado pela Autora. No entanto, as noções de *retomada*, *releitura*, e outras tantas que vão estar necessariamente em foco quando se trata dessa questão, perpassam todas as páginas do livro, estando presentes na análise dos elementos levantados e inclusive em referências aos prólogos ou outros textos introdutórios de Suassuna (cf., p. ex., p. 28).

Seja chamando a atenção do leitor para esta consciência que tem Suassuna do tipo de trabalho por ele efetuado, seja pelo tratamento que dá às peças selecionadas, Lígia Vassallo vai rastrear, em diversos níveis, os elementos recorrentes na dramaturgia do autor pernambucano que constituem traços marcantes do teatro e da cultura popular da Idade Média. Ao analisá-los, seu texto dialoga com dissertações de mestrado e teses de doutoramento (o que este trabalho foi, ele próprio, originalmente) e, a cada momento, seus cuidados se fazem notar em termos de conceituações ou classificações tradicionalmente estabelecidas que a Autora pode acatar ou discutir mas não deixa passar em branco. Um bom exemplo disto fica por conta da distinção que importa fazer entre o *distanciamento* apontado como uma das marcas do teatro épico e aquele outro, proposto por Bertold Brecht em sua concepção de um teatro político e, acima de tudo, reflexivo (p. 31). Por esses e outros aspectos *O sertão medieval* é, sem dúvida, uma leitura enriquecedora para professores e estudantes dos cursos de letras, bem como para aqueles que se

dedicam à área do teatro mais especificamente ou até mesmo da cultura popular.

De certa maneira, pode-se dizer que a tese proposta pela Autora está definida numa passagem que, embora referindo-se particularmente à história de *Carlos Magno e os doze Pares de França*, contém o cerne da questão que ela levanta e trata de discutir. “[A] permanência [desse tema] mostra, por si só, um forte índice de traços semelhantes entre os da sociedade nordestina e os da europeia que lhe deu origem, sem o que seria impossível a manutenção do mundo carolíngio” (p. 73). O que já vinha anunciado na primeira página do texto onde se lê que “O fato de evidenciarmos uma sociedade em cuja literatura subsistem fortes traços medievais ou medievalizantes pressupõe, pois, em sua estrutura, a presença de acentuados vestígios daquele momento histórico-social” (p. 15). Ou seja: a permanência desses traços seculares no teatro de Ariano Suassuna seria indício de idêntica permanência na cultura popular que lhe serve de fonte. Daí a questão proposta por Vassallo: na sociedade nordestina contemporânea teríamos um quadro semelhante ao da sociedade estamental que caracteriza o mundo medieval, i.e., uma organização estática que procura, via manifestações institucionalizadas, manter-se assim.

Ora, para tanto, é preciso considerar o papel que uma dramaturgia como a de Ariano Suassuna pode desempenhar no sentido desta manutenção de um modelo social. É isto que o leitor vai encontrar nos dois últimos capítulos do livro, quando o levantamento e a observação das constantes já foram completados. O capítulo 5 (“O Subsolo”; p. 143-162) vai tratar, como indica o próprio título, dos elementos sócio-culturais que podem vir à tona através da análise de uma produção teatral tão apoiada em manifestações de folguedos e folclore regionais como a de Suassuna. Em seguida, fechando o estudo, o já referido “Medievalidade e Intertextualidade” (p. 163-166) vem amarrar os fios lançados e estender, simultaneamente, a noção de *intertextualidade* aos diversos *textos* – projeto estético do dramaturgo, cultura popular nordestina, teatro popular medieval, etc. – que compõem o território investigado pela Autora.

Neste percurso final, Lígia Vassallo se detém um pouco mais na apreciação da possível função ideológica desempenhada pelo teatro de Ariano Suassuna. Com referência ao mito de

Pedro Malazarte, por exemplo, ela recorre à análise de Roberto da Matta em que se propõe que, por sua atitude e postura diante das situações com que se defronta, “em nenhum momento [o personagem] põe em risco a ordem social [. . .]” (p. 145). E esta questão é retomada de modo mais desenvolvido nas últimas páginas do texto. De toda maneira, embora ainda não explicitamente referido, era para este foco que *O sertão medieval* vinha apontando desde o início, pela frequência de termos que configuram o campo semântico da *imutabilidade*, como se vê, por exemplo, no último parágrafo da p. 19, onde o substantivo “permanência” se faz acompanhar de perto pelos verbos “reforçar” e “reiterar”.

Assim, mais uma vez, *O sertão medieval* acaba me remetendo às categorias de *espaço de experiência* e *horizonte de expectativas* porque é através delas que H. R. Jauss enfrenta a tão polêmica questão dos *gêneros* na história da literatura. “Todo novo texto produzido”, escreve ele, “pressupõe sempre o contexto de experiência anterior” ao mesmo tempo em que “vem inscrever-se” “num horizonte de expectativas” por parte daqueles que serão seus receptores. Ambos esses campos podem, então, ser “modulados, corrigidos, modificados, ou simplesmente reproduzidos” através do novo texto que se apresenta (1974, p. 50-51 da trad. fr. *Pour une esthétique de la réception*). Ora, na medida em que o que se tem, com o teatro de Suassuna, é a *reprodução* – apenas adaptada a tempo e realidade do nordestino contemporâneo (cf. p. 28) –, a obra do dramaturgo pernambucano não somente reforça as fronteiras dos gêneros estabelecidos mas também atua, necessariamente, como veículo (ao que tudo indica, eficaz) de manutenção da ordem vigente.

Em meio a tudo isto, porém, um aspecto não pode deixar de ser assinalado: a “coerência”, que Lígia Vassallo aponta em relação ao “percurso” efetuado pela produção teatral de Ariano Suassuna é certamente um dos traços mais marcantes de seu próprio *Sertão medieval*.

Maria Helena Rouanet
UERJ